

Apoio irrestrito dos empresários gaúchos

por Inácio Barbosa Soares
de Porto Alegre

“Qualquer que tenha sido o acordo, ele só pode ser bem recebido.” A frase, do presidente da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul (Federasul), César Rogério Valente, sintetiza a forma com que também outras lideranças empresariais do estado receberam a notícia de que o Brasil concluiu um acordo sobre sua dívida externa com os credores internacionais.

“O simples fato de ter fechado um acordo é, por si só, um bom sinal”, opinou o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS), Luiz Carlos Mandelli. “Faltou apenas uma definição quanto à entrada de dinheiro novo. O Brasil precisa de novos recursos de fora para refazer sua infra-estrutura, que já está precária”, disse o presidente do Sindicato Estadual das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico, Sérgio Schapke.

Para Valente, “o Brasil não tinha cacife para impor qualquer tipo de negociação.

A demora em fechar um acordo com os credores trouxe grandes prejuízos para o País”, acrescentou. “Além da instabili-

dade interna gerada pela falta de perspectivas da política econômica, da insegurança causada por certos temas em discussão na Constituinte e das incertezas quanto ao futuro sistema de governo, vínhamos enfrentando a petulância das autoridades governamentais com relação à questão da dívida externa. Agora, pelo menos isto está definido. O importante é que o Brasil cumpra o que assumiu nas negociações e não encare o resto do mundo como se ele fosse povoado exclusivamente por beócios, como tem feito até aqui.”

O presidente da Federasul acha que o fato de o Brasil voltar ao Fundo Monetário Internacional (FMI) “não tem a mínima importância”, porque “se a receita do FMI fosse novamente a recessão, ele apenas estaria copiando o modelo brasileiro, que já é recessivo sem o próprio FMI”.

Já o presidente da FIERGS afirmou que o acordo “sinaliza uma situação futura”. Para ele, “o importante agora é que o PMDB não atrapalhe, porque ninguém que é escalado para fazer uma negociação externa pode suportar o fardo de, além de conduzir essa negociação, ter de negociar também internamente”.